**Cacofonia**

 Um mundo estranho, este, o nosso, em que vivemos agora. As certezas de ontem tornaram-se hoje incertezas, os conhecimentos, que nos davam segurança, tornaram-se dúvidas e fonte de ansiedade; os pontos de referência dissipam-se e tudo parece fundir-se numa amálgama homogénea em que não há certo ou errado, verdade ou mentira, bem ou mal… É tudo uma questão de opinião. Aquela opinião a que todos temos direito, quer os que se informaram antes de a expressar, quer os que dizem o que lhes parece sem reflectirem, e mesmo quando sabem que apenas foca um ângulo da realidade apagando convenientemente todos os restantes que, no seu conjunto, definem objectivamente o facto em questão, e mesmo quando sabem mentir despudoradamente para benefício próprio. Querem fazer crer que toda esta opinião, que hoje prolifera numa cacofonia confundida com democracia, é igual e igualmente válida… Uma opinião que, quando se converte em maioritária, se arroga o autoritarismo de criar uma nova dimensão da realidade dissociada dos mais comezinhos factos objectivos e racionais.

 Só assim consigo contextualizar os discursos sobre Fidel Castro que em outros tempos, em que os factos fundamentavam o conhecimento, em outras verdades, em que os juízos se estruturavam racionalmente, classificaria de alucinados.

 Fidel Castro estabeleceu, pela força, uma ditadura política, social, cultural, económica, sem espaço para o pluralismo de ideias ou valores, sem expressão livre de qualquer opinião própria; prendeu, torturou e matou os seus opositores; reduziu todo o povo à mais injusta pobreza, chamando-lhe igualdade;

Nenhum destes actos é admissível em democracia e nenhum dos valores democráticos foi cumprido por Fidel Castro. E, não obstante, numa constrangedora disputa por lugares mediáticos os nossos políticos apressaram-se a elogiar o homem e a obra por ocasião do seu falecimento.

 Como devo interpretar este milagre do ditador convertido em herói? Advogarão eles a involução da democracia para uma ditadura?

 Na minha estupefacção pelo mais total e desonesto atropelamento dos factos – como se a opinião hoje manifesta pudesse branquear o registo histórico –, pela leviandade em relação às consequências das palavras e acções de políticos com responsabilidades na representação do país – como se o elogio dos ditadores não constituísse uma afronta à democracia que juraram defender –, opto por citar um post de André Patrão em que me revejo e que corrobora a cacofonia na vida política nacional: “O mesmo Parlamento que todos os anos celebra efusivamente o 25 de Abril acabou de aprovar dois votos de pesar (do PCP e do PS) pela morte de Fidel Castro. No próximo 25 de Abril homenagearemos Salazar? Ou uns são ditadores e outros "heróis"? Umas são ditaduras e outros "governo do povo"? (…) O Parlamento Português aprovou duas vezes um voto de pesar por um ditador, sem uma palavra sobre as suas vítimas.” E o mesmo post invoca dois artigos de opinião de espectros políticos opostos, evidenciando que não estamos no domínio da volátil e flexível opinião, mas da mais simples honestidade intelectual e bom senso perante a verdade histórica: “A gente já sabe que um ditador de direita é um fascista, enquanto um ditador de esquerda é um revolucionário bem-intencionado a quem as coisas correram mal. Mas, pelo menos, digam a palavra di-ta-dor” (João Miguel Tavares); “Um ditador não o deixa de ser por se aproximar das nossas convicções políticas. A não ser, claro, que as nossas convicções políticas não incluam a democracia e a liberdade” (Daniel Oliveira).

*M. Patrão Neves*

[www.mpatraoneves.pt](http://www.mpatraoneves.pt)